

Traduzir a crítica à ontologia: transitoriedade, transcrição e história natural

Alexandre Costi Pandolfo¹

Pesquisador independente, Porto Alegre, RS, Brasil

Resumo: Este ensaio procura tecer considerações sobre a tarefa da crítica à ontologia fundamental desde a perspectiva literária. Para isso parte das concepções de tradução, transitoriedade e não-identidade expostas por Walter Benjamin em muitos dos seus textos e também no seu conhecido texto “A tarefa do tradutor”. O conceito de *Vergänglichkeit*, transitoriedade, que pode ser entendido também por ruinação ou deperecimento, torna-se a estrela maior nesta abordagem benjaminiana, e a ele se une a ideia de história natural, como momento dialético crucial para crítica à ontologia fundamental. Este ensaio também aponta para algumas leituras e interpretações brasileiras dos escritos de Walter Benjamin, principalmente, com o intento de abordar a ideia de transcrição, de Haroldo de Campos.

Palavras-chave: Tradução; Transitoriedade; História natural; Transcrição; Walter Benjamin.

Title: Translating the criticism to ontology: transitoriness, transcreation and natural history

Abstract: This essay intends to elaborate considerations on the task of criticism of fundamental ontology, from a literary perspectivism. In order to do it, this essay begins considering the conceptions of translation, transitoriness and non-identity as presented by Walter Benjamin in many of his works and also in his well-known essay “The translator’s task”. The concept of *Vergänglichkeit*, transitoriness, can be understood as ruination or perishement, and turns out to be central in this Benjaminian approach. This concept merges itself with the idea of natural history as dialectical crucial moment to the understanding of the criticism of fundamental ontology. This essay also intends to point out some Brazilian’s interpretations of Walter Benjamin’s texts, focusing on working the idea of transcreation developed by Haroldo de Campos.

Keywords: Translate; Transitoriness; Natural history; Transcreation; Walter Benjamin.

*“O passado acompanha as correspondências com um
murmúrio”
(W. Benjamin)²*

¹ Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Pós-doutor em Literatura (UFSC/CAPES). Pós-doutor em Letras (UFPel/CAPES). Pesquisador Independente. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9415-7276>

E-mail: alexandrecoastipandolfo@gmail.com

² BENJAMIN, Walter. “Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire”, in *Baudelaire e a Modernidade*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 137.

Este ensaio procura abordar e percorrer filosoficamente algumas das vias que concorrem para-, que correm e entrecruzam-se junto à legibilidade da tarefa da tradução desde as ruínas agora, seguindo os passos, as pegadas na areia deixadas, no início da década de 1920, por Walter Benjamin e, contemporaneamente, retomadas e retrabalhadas, no Brasil, por importantes estudiosos do pensamento deste escritor berlinense, sobretudo no que concerne à ideia de traduzibilidade, encontrando-se esta imbricada a um modelo *trans* de pensamento: por um lado transitório, por outro transcriador. O caráter transitório de uma possibilidade legível e mesmo audível de inteligibilidade crítica torna-se substancial para a elaboração teórica que pretendo trazer à expressão neste ensaio. A palavra “transitoriedade” procura transpor ou verter para a língua portuguesa o termo *Vergänglichkeit*, que por vezes aparece sob a forma de *Vergängnis* – termos utilizados por Walter Benjamin em momentos cruciais da sua elaboração textual filosófica. Tratam-se de palavras que também se deixam entender como- e verter por “deperecimento” ou “ruinância”, apresentando assim, talvez mais evidentemente, os seus entretecidos contornos alegóricos vinculados de modo intenso à história e à natureza, à escritura e à morte. Cito, então, imediatamente, um trecho dentre outros possíveis de *Ursprung des deutschen Trauerspiel* que aborda a profundidade de sentido que alcança o conceito de *Vergänglichkeit*, articulado de forma constelacional com outros importantes conceitos na crítica estética de Walter Benjamin:

Querer separar o tesouro de imagens com as quais se dá a reviravolta no sentido do paraíso da redenção daquele outro, sombrio, que significa a morte e inferno, seria desconhecer totalmente a essência do alegórico. Pois precisamente nas visões da embriaguez da destruição, em que tudo o que é terreno se desmorona num campo de ruínas, o que se revela não é tanto o ideal da contemplação absorta da alegoria, mas mais os seus limites. A desolada confusão dos ossuários que pode ser lida como esquema das figuras alegóricas em milhares de gravuras e descrições da época, não é apenas símbolo da desolação de toda a existência humana. Aí, a transitoriedade [*Vergänglichkeit*] não é significada, alegoricamente representada; é antes, em si mesma significante, apresentada como alegoria. Como alegoria da ressurreição.³

³ BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 250. Em alemão lemos: “*Heißt es doch ganz das Allegorische verkennen, den Bilderschatz, in welchem dieser Umschwung in das Heil der Rettung sich vollzieht, von jenem düstern, welcher Tod und Hölle meint, zu sondern. Denn gerade in Visionen des Vernichtungsrausches, in welchen alles Irdische zum Trümmerfeld zusammenstürzt, enthüllt sich weniger das Ideal der allegorischen Versenkung denn ihre Grenze. Die trostlose Verworrenheit der Schädelstätte, wie sie als Schema allegorischer Figuren aus tausend Kupfern und Beschreibungen der Zeit herauszulesen ist, ist nicht allein das Sinnbild von der Öde aller Menschenexistenz. Vergänglichkeit ist in ihr nicht sowohl bedeutet, allegorisch dargestellt, denn, selbst bedeutend, dargeboten als Allegorie. Als die Allegorie der Auferstehung*”.

Ora, os rastros de uma linguagem e de uma filosofia impregnadas por diversas fontes do pensamento crítico, do judaísmo ao materialismo, do barroco ao surrealismo, poderia exigir de fato a elucidação de infinitos momentos conceituais a fim de mostrar, aqui, o ponto sem retorno no qual estética se encontrou já no século XX, como um local privilegiado para a crítica da ontologia fundamental. A forma de apresentação aqui proposta pretende se concentrar, contudo, apenas fragilmente na exposição dialética de corpos de linguagens que se deixam concernir àquelas tensões constitutivas próprias aos vestígios de um modelo de pensamento, permitindo-se aqui tão somente pontuar e apontar algumas das expressões dissonantes de uma espécie de consciência da caducidade das coisas e da “*facies hipocrática* da história como paisagem primordial petrificada”⁴ frente a aparência de harmonia que ofusca a realidade social dada hoje. A tarefa de uma crítica radical às linguagens que administram a vida e a morte nas sociedades tardias em que vivemos tornou-se contemporaneamente uma exigência das mais árduas nos âmbitos nem sempre evidentes dos exercícios dos pensamentos e das práticas correntes. Essa tarefa, entendida desde o âmago do pensamento benjaminiano, envolve-se às agruras conceituais que dificilmente se encontram elaboradas ou mesmo percebidas até as suas consequências últimas: as tensões dialéticas imanentes ao desmembramento e aos vestígios do ente, recolhidos em seus estilhaços junto a uma realidade ela mesma fraturada. Mímesis, representação e expressão; alegoria, tradução e origem; subjetividade, caráter, destino e primazia do objeto; natureza, morte, cesura e história; são conceitos dialéticos constelares que jamais podem ser tratados de modo leviano, tampouco se deixam retro-ontologicamente apropriar, como em certas ilhas do pensamento contemporâneo, sobretudo quando a iminência da catástrofe faz-se sentir cotidianamente. Tratam-se de conceitos que exigem reflexões profundas, as quais ensaiam levar o pensamento sem síntese, por vezes em constante movimento, por outras congelado, imobilizado numa imagem legível, para fora da tautologia da existência justificada de forma ardilosa, seja aristocrática-, oligárquica- ou democraticamente. Tais conceitos, organizados de forma constelacional e transitória na filosofia estética de Walter Benjamin, conduzem a crítica para fora do discurso subjugado e subserviente às diversas formas de mestria e regência do pensamento; portanto, para muito além da diferença ontológica subsumida à essência da identidade apropriante (*das Ereignis*) “entregue como propriedade ao ser”⁵. O endossamento do curso catastrófico do mundo, contudo, há muito tempo se produz junto ao anestesiamiento da consciência da sua extenuação, e ambos, endossamento e anestesiamiento, encontram-se amparados e dirigidos por determinadas concepções de existência, subordinadas ao presente do indicativo do verbo ser e à metafísica da presença que lhe resta adstrita, cuja linguagem hegemônica, incansavelmente em operação, plena de jargões, fortalece histórica e filosoficamente a continuidade fatal do estado de exceção agora. A esse respeito, a inteligibilidade da tradução enquanto forma, não meramente como uma teoria ou como uma prática pré-ordenada que receberia em sua dinâmica o apelo do ser do ente em seu comum-

⁴ BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*, p. 176.

⁵ HEIDEGGER, Martin. “O princípio da identidade”. In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1989, p. 145.

pertencer ao mesmo, atinge, na filosofia benjaminiana, o centro vazio da ideia de autenticidade – o vazio sobre o qual se erguem ainda hoje as ontologias da falsa consciência – tornando-se, pois, espaço e tempo e corpo de linguagem um pensamento por imagens fora da identidade e da lógica das correspondências mais astutas entre ser e pensar, apontando para diversos pontos luminosos ou nebulosos de uma constelação particular, cuja visibilidade alcança e testemunha *in extremis* a precariedade cadavérica do que ainda vive, sobrevive, e a exigência de transformação do presente, ora justificado, de crise em crítica e criação, arrancando-o da falsa continuidade com o todo supra-identificado e hiper-comunicado às malhas da identidade. A fragmentação, a polissemia e a transitoriedade das coisas em relação ao pensado e aos modelos para as suas expressões não conduzem, pois, à autenticidade da letra, mas à ruína própria à escritura, motivo pelo qual um deslizamento fonético, ou mesmo um deslizamento conceitual, requer do estudioso, escritor ou crítico um relacionamento com a escuta que não seja reconduzível às sínteses apaziguadoras de sentido, mas que permitam levar ao inusitado, desafiando a linguagem estabelecida e suas correspondências nominais com a existência.

Já as muito conhecidas e relevantes considerações de Haroldo de Campos em suas contínuas abordagens a respeito da estética benjaminiana da tradução como forma trouxeram à evidência a insatisfação ontológica e conceitual quanto à “ideia ‘naturalizada’ de tradução, ligada aos pressupostos ideológicos de restituição da verdade (fidelidade) e literalidade (subserviência a um presumido significado transcendental do original)”⁶, motivo pelo qual, tomou parte junto às suas ideias e às suas práticas de tradução poética, a exigência da criação e, portanto, a necessidade de que o próprio conceito de tradução se tomasse e se vertesse em constante reelaboração neológica, ganhando novo nome a cada vez, tornando-se outro em relação ao seu objeto próprio, também este sempre outro, “desde a ideia inicial de *recriação*, até a cunhagem de termos como *transcrição*, *reimaginação* (caso da poesia chinesa), *transtextualização*, ou – já com timbre metaforicamente provocativo – *transparadisação* (*transluminação*) e *transluciferação*”⁷, para dar conta das operações particulares exigidas negativamente por cada texto em apreço, seja um texto de Joyce, de Mallarmé, de Dante ou de Goethe. Frente a tais exigências de nomeações criativas, junto as quais o sentido torna-se um cenário pluridesdobrável, portanto temporal, podemos antever uma concepção de “tradução” que não se permite meramente coadunar-se nem com os intentos instrumentais que o valham, nem com os arranjos esquemáticos das totalidades auto-referidas – os engenhos da neutralização da diferença. Uma tarefa nesse nível de radicalidade crítica torna-se, principalmente, para os estudiosos do pensamento benjaminiano, “orientada pelo lema rebelionário do *non serviam* (da não submissão a uma presença que lhe é exterior, a um conteúdo que lhe fica intrinsecamente inessencial)”⁸. Seria

⁶ CAMPOS, Haroldo. “Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora”, in *Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora*. Belo Horizonte: Viva voz (FALE/UFMG), 2011, p. 10.

⁷ Ibidem, p. 10.

⁸ CAMPOS, Haroldo. “Transluciferação Mefistofáustica”, in *Deus e o Diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva, 1981, p. 180.

importante notar, então, nesse momento, que a não-subserviência da tarefa transcriadora às hipóstases e invariantes filosóficas, linguísticas ou históricas, ataca e incide contra as pretensões ordenadoras e os objetivos mais felizes da comunicação em geral e da identidade com o todo que lhe seja adequado – o que se deixa transparecer já desde a primeira frase do seminal ensaio de Walter Benjamin, *A tarefa do tradutor*⁹. – Assim, conforme apontou Haroldo de Campos, “o *desideratum* de toda tradução que se recusa a servir submissamente a um conteúdo, que se recusa à tirania de um Logos pré-ordenado, é romper a clausura metafísica da presença: uma empresa satânica”¹⁰. – E, conforme já alertou Jeanne Marie Gagnebin, “o conceito-chave é o de interrupção da história, de *Unterbrechung* messiânica ou de *Stillstand* (paralisação) historiográfica”¹¹.

Mas dessa empresa satânica exsurtem desdobramentos vários para o âmbito poético crítico que se permite envolver-se com-, ou mesmo contaminar-se pelas imagens de pensamento benjaminianas, culminando, pois, como apontou Márcio Seligman-Silva, na desconstrução da noção de identidade, “não mais apenas no sentido da lógica, mas também na sua acepção expandida de ‘identidade nacional’”¹². A transcrição abala, estremece, estética e politicamente, o nacionalismo entendido enquanto refúgio do fascismo e da lógica identitária apropriante. Trata-se de colocar em questão, pois, seja a origem, seja o original, sempre que tais conceitos forem entendidos como primazia do ser, pertencimento à identidade arquetípica, autenticidade coeterna às ideias, participação no absoluto, *continuum* da história; por isso, Walter Benjamin apresenta uma noção em crise e crítica de origem, entendida como *Ursprung*. Nas palavras de Jeanne Marie Gagnebin, “origem como salto (*Sprung*) para fora da sucessão cronológica niveladora (...) [designando] saltos e recortes inovadores que estilhaçam a cronologia tranquila da história oficial, interrupções que querem, também, parar esse tempo infinito e indefinido”¹³ – colocando em questão a ideia mesma de linearidade, de progressividade e desenvolvimento histórico, a ideia de história contada na

⁹ BENJAMIN, Walter. “A tarefa do tradutor”, in *Escritos sobre mito e linguagem*. Trad. Susana Kampff Lages. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2011. “Em hipótese alguma, levar em consideração o receptor de uma obra de arte ou de uma forma artística revela-se fecundo para o seu conhecimento. (...) Nenhum poema dirige-se, pois, ao leitor, nenhum quadro, ao espectador, nenhuma sinfonia, aos ouvintes. E uma tradução? Será ela dirigida a leitores que não compreendem o original? (...) O que ‘diz’ uma obra poética? O que comunica? Muito pouco para quem a compreende. O que lhe é essencial não é comunicação, não é enunciado. (...) Mas aquilo que está numa obra literária, para além do que é comunicado – e mesmo o mau tradutor admite que isso é o essencial – não será isto aquilo que se reconhece em geral como o inapreensível, o misterioso, o ‘poético’? Aquilo que o tradutor só pode restituir ao tornar-se, ele mesmo, um poeta?” (pp. 101-102)

¹⁰ CAMPOS, Haroldo. *Transluciferação Mefistofáustica*, p. 180.

¹¹ GAGNEBIN, Jeanne Marie. “História e cesura”, in *História e narração em Walter Benjamin*, São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 96.

¹² SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Haroldo de Campos: tradução como formação e ‘abandono’ da identidade”, in *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Ed. 34, 2005, p. 201.

¹³ GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Origem, original, tradução”, in *História e narração em Walter Benjamin*, São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 10.

ordem convicta do mesmo. Nesse sentido, seja para Márcio Seligmann-Silva, seja para Haroldo de Campos, “a tradução enquanto ‘corte’ ou ‘salto’, que conecta dois pontos históricos, coloca em questão a visão tradicional de história”¹⁴, “extremando a desconstituição do dogma da servilidade da tradução”¹⁵. – Tal como num “salto tigrino”, conforme os termos de Haroldo de Campos, Walter Benjamin apresentou em seu ensaio sobre a tarefa do tradutor as condições para a inversão da primazia do “original” em relação à tradução, tornando-se esta a chance, a oportunidade, o tempo agora de “expressar o mais íntimo relacionamento das línguas entre si”¹⁶ – perspectiva de acordo com a qual, concluiu Haroldo de Campos, “o original é quem serve de certo modo à tradução”¹⁷. E, pois, “se a afinidade entre as línguas se anuncia na tradução, isso ocorre de modo distinto da vaga semelhança entre reprodução e original. (...) O conceito de afinidade (...) não pode ser definido de maneira satisfatória por meio de uma identidade de proveniência”¹⁸, alertou Walter Benjamin. A transcrição ou transpoetização, desde o rastro de uma sua não subserviência, não-servidão à metafísica da identidade – ao “desvelamento do seu ser, (...) [à] abertura inaugurante do sendo naquilo que ele é e no como ele é (...) para o seu constante brilhar”¹⁹ –, portanto, lança questões cruciais para a legibilidade da crítica à ontologia fundamental, numa perspectiva radicalmente estética e não “poético-apropriante”.

Preocupada, pois, com as tensões constitutivas de uma tarefa *trans* imbricada a um conteúdo não-idêntico, torna-se a “tradução” como forma, de fato, conteúdo sedimentado, carregando em suas asperezas a precariedade ética da sua tarefa no mundo plenamente administrado, prática do encontro com outrem, fora da lógica da servidão, do domínio e da subsunção. Jeanne Marie Gagnebin apontou que, antes de Walter Benjamin, vários autores haviam reconhecido essa ética fundamental da tradução que ele leva adiante²⁰. Também Márcio Seligmann-Silva, abordando a importância dos predecessores românticos (dentre outros, Novalis e os irmãos Schlegel) da teoria da tradução benjaminiana, assinalou que “o campo da tradução é particularmente indicado para se pensar essa relação com o outro”²¹. Além disso, entre os estudiosos que se encontram (ou se encontraram) especialmente contaminados pelo pensamento benjaminiano, Haroldo de Campos foi aquele que conduziu com radicalidade poética as suas atenções e práticas transcriadoras desde um tal momento

¹⁴ SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Haroldo de Campos: tradução como formação e ‘abandono’ da identidade*, p. 200.

¹⁵ CAMPOS, Haroldo. *Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora*, p. 23.

¹⁶ BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor*, p. 106.

¹⁷ CAMPOS, Haroldo. *Transluciferação Mefistofáustica*, p. 179. “Pois, no limite de toda tradução que se propõe como operação radical de transcrição, faísca, deslumbra, qual instante volátil de culminação usurpadora, aquela miragem (...) de converter, por um átimo que seja, o original na tradução de sua tradução”. (p. 180)

¹⁸ BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor*, p. 108.

¹⁹ HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. Idalina Azevedo e Manuel de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010, p. 87 [§§ 53 e 54].

²⁰ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Origem, original, tradução*, p. 24.

²¹ SELIGMANN-SILVA, Márcio. “‘Eu é um outro’: a tradução como criação do próprio e encontro festivo”, in *Santa Barbara Portuguese Studies*, v. 3 (Digital online version), 2019, p. 3.

ético, descobrindo na fragilidade ou na efemeridade de *fragmentos* de textos a condição crítica para a sobrevivência e a pervivência do modo ímpar de apresentação da transmutação enquanto forma da linguagem poética, trabalhando desde uma “visada aléfica” da coisa, “leitura partitural”, ele escreveu, capaz de “descortinar o universo pelo olho de uma agulha”²², sem desejar e exigir para a tarefa da transcrição a mais arcaica vontade de totalidade, tendo em vista que o excerto, “o miniatural, o monadológico, são ‘operadores’ extremamente fecundos para o pensamento”²³ – motivo pelo qual, ele ainda afirmou, “nada mais coerente do que representar o *mudus operandi* dessa forma chamada tradução, miniaturando-o, modelarmente”²⁴. Como é sabido, assim procedeu ao escolher transcriber, por exemplo, não a totalidade dessa obra magna que é o “Fausto”, de Goethe, escrito em duas partes, mas, tão somente, sutil e obliquamente, escolhendo as cenas finais da sua segunda parte. – E não é à toa que uma das palavras cruciais aventadas por Walter Benjamin para a legibilidade dos desdobramentos de sentidos na tradução foi, justamente, *Verwandtschaft*, a saber, afinidade; algo provisória, histórica e sobre-histórica, de fato sem repouso, e que concerne às relações entre as línguas ao se anunciarem numa prática ao mesmo tempo desfiguradora e transfiguradora, e cuja remissão à obra de Goethe não é apenas literal, mas íntima, histórica e profunda. “Em *Verwandtschaft* ecoam *verwandeln*, *Verwandlung* (‘transformar’, ‘transmudar’, ‘transformação’, ‘metamorfose’)”, escreveu Haroldo de Campos, apontando que a afinidade entre as línguas, em evidência na transcrição, não procura a mera semelhança com o “original”, pois este, justamente “considerado do ponto de vista de seu ‘perviver’ (*Fortleben*), é mutável, envolve as ideias de ‘transformação’ (*Wandlung*) e renovação’ (*Erneuerung*)”²⁵. A “pervivência” das obras de arte da linguagem expõe-se assim como a maturação póstuma das palavras as quais apenas aparentemente já se teriam fixado no “original” – que não receberia uma tal qualidade, uma tal oportunidade de prosseguimento, um tal para além agora (não exatamente encontrado, nem absolutamente perdido, ausente, fugido ou partido) – o “original” não mereceria uma tal qualidade se em seu corpo de linguagem não agisse a transformação e a renovação consonantes a tudo aquilo que vive²⁶, motivo pelo qual a “tradução” não opera, pois, uma “equação estéril entre duas línguas mortas”, escreveu Walter Benjamin, mas sim o cuidado com a maturação da palavra do outro, o cuidado com a palavra estrangeira, ao mesmo passo em que acalanta as “dores do parto [*die Wehen*] da sua própria palavra”²⁷, tratando-se da vida da linguagem, ao mesmo tempo íntima e estranha a si mesma; da linguagem sobrevivida, das dores da “consciência da vida das obras, cujo mais alto testemunho é dado pela tradução”²⁸; da consciência da vida da linguagem no mundo administrativamente mortificado, consciência que não se permite

²² CAMPOS, Haroldo. *Transluciferação Mefistofáustica*, p. 189.

²³ *Ibidem*, p. 189.

²⁴ *Ibidem* p. 188.

²⁵ CAMPOS, Haroldo. *Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora*, p. 28.

²⁶ BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor*, p. 107.

²⁷ *Ibidem*, p. 108.

²⁸ *Ibidem*, p. 111.

entregar ao solipsismo de uma racionalidade heterofágica, heterofóbica, que apenas a si e para si mesma, outrem capturado fora, bastaria.

A língua estranha, escreveu Haroldo de Campos, “se revela suscetível de uma vivisseção implacável, que lhe revolve as entranhas, para trazê-la novamente à luz num corpo linguístico diverso. Por isso mesmo a tradução é crítica”²⁹. Relembrando os românticos alemães, reelaborando as suas ideias, jamais abdicando do jogo irônico que propuseram, Walter Benjamin apontou que “toda tradução é apenas um modo algo provisório de lidar com a estranheza das línguas”³⁰, cujo trabalho de linguagem relaciona-se tão somente de modo tangencial, passageiro ou transitório com o “teor” textual pré-estabelecido. A esse respeito, citando Friedrich Schlegel, Márcio Seligmann-Silva procurou indicar que já o pensamento, a reflexão, a criação e a crítica evoluem-se num “conjunto de infinitas passagens, superações, vale dizer, *Über-Setzungen*, traduções, saídas de si”³¹. E tal capacidade de saída de si ao invés e levar à *Aufhebung* torna-se uma imagem cristal para a legibilidade da tradução como criação, como crítica e como testemunho da não-identidade, da não-submissão, bem como torna-se encontro, oportunidade, chance histórica “de passar para o estrangeiro”, significando literalmente trans-posição³². Nesse sentido, “o tradutor não apenas mostra a relação de contaminação entre as línguas (...) como trata de levar em conta (...) [uma] paronomásia filosófica, ou seja, o jogo de espelhamento e eco”³³ entre conceitos, formas e imagens dialéticas. – E eu gostaria de reter aqui, sobretudo, a imagem do jogo de ecos, inevitavelmente a lembrança dos ecos das vozes que foram emudecidas. – Também Jeanne Marie Gagnebin sublinhou justamente essa questão, escrevendo: “a forma de uma língua, o que ela visa na sua especificidade, só pode se mostrar na passagem – *tradução, Über-setzung* – para outra língua, na diferença entre as línguas, neste intervalo doloroso”³⁴ expõem-se os ecos da tarefa tradutória. Aproximando os pensamentos de Walter Benjamin e de Franz Rosenzweig, notou Jeanne Marie Gagnebin que “a multiplicidade das línguas é, certamente, o signo de sua incompletude e transitoriedade”, que “a unidade natural de cada uma se desfaz no transtorno da tradução, na análise da crítica filosófica ou na desordem da frase poética”; que “a tradução expõe e desdobra a alteridade”, repousando esse encontro, essa relação, no motivo redentor³⁵. Nesse sentido, escreveu Walter Benjamin: “a tarefa do tradutor é redimir,

²⁹ CAMPOS, Haroldo de. “Da tradução como criação e como crítica”, in *Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora*. Belo Horizonte: Viva voz (FALE/UFMG), 2011, p. 42.

³⁰ BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor*, p. 110.

³¹ SELIGMANN-SILVA, Márcio. “*Eu é um outro*”: a tradução como criação do próprio e encontro festivo, p. 9.

³² SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Filosofia da tradução – tradução de filosofia: o princípio da intraduzibilidade”, in *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Ed. 34, 2005, p. 170.

³³ Ibidem, p. 183.

³⁴ GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Origem, original, tradução*, p. 21.

³⁵ Ibidem, pp. 20, 26 e 29 respectivamente.

na própria, a pura língua, exilada na estrangeira, liberar a língua do cativo da obra por meio da recriação”³⁶ [*Umdichtung*, transpoetização].

As múltiplas línguas, matérias imperfeitas, estilhaçadas e fragmentárias carregam matizes, nuanças afetivas, junto às quais se deixam tecer afinidades, entendendo-se cada uma das línguas e cada um das suas palavras e frases como lascas, como cacos, os quais a tarefa (*Aufgabe*) e ao mesmo tempo o dom (*Gabe*) do uso da linguagem, da criação e da recriação tornam-se também o abandono (*aufgeben*), para o tradutor, seja da identidade comunicável, seja da totalidade auto-referida, em vista de uma outra forma legível para a crítica da verdade³⁷. E os rastros de um tal modo de visar a ruína do desvelamento originário conduzem àquilo que Walter Benjamin chamou “língua pura”, “que nada mais expressa (...), [na qual] toda comunicação, todo sentido e toda intenção estão destinados a extinguir-se”³⁸. Pois, restituindo essa tarefa à transitoriedade alegórica, Walter Benjamin pontuou que, “a imagem no campo da intuição alegórica é fragmento, runa”³⁹, e que, nos escritores alegóricos, a “natureza paira ante eles como eterna ruína [ewige Vergängnis], na qual apenas o olhar saturnino daquela geração [Barroca do século XVII] reconheceu os sinais da história”⁴⁰, tratando-se, pois, o trabalho com os fragmentos, com os cacos de linguagem, perspectivamente, do trabalho com a história em fragmentos. A legibilidade da ruína, liberada do sufocamento do sentido da totalidade sobredominadora da natureza, transforma-se em instância de ruptura com a continuidade histórica; torna-se uma tarefa materialista que concerne também à teoria do conhecimento e à recusa das filosofias e das linguagens da totalidade, recusa das tratativas para a restauração da totalidade, portanto, uma tarefa que se opõe a toda reconciliação tautológica levada a cabo pela categoria de “historicidade” convertida em determinação ontológica; uma tarefa que carrega as marcas dos momentos críticos, das crises e das rupturas, voltando-se a sua corola para “descobrir na análise do pequeno momento individual o cristal do acontecimento total”⁴¹, conforme escreveu Walter

³⁶ BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor*, p. 117.

³⁷ CAMPOS, Haroldo de. “O que é mais importante: a escrita ou o escrito?” in *Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora*. Belo Horizonte: Viva voz (FALE/UFMG), 2011, p. 91. Lemos: “*Die Aufgabe des Übersetzers*, a tarefa do tradutor, ou melhor: aquilo que é dado ao tradutor dar, o ‘dado’, o ‘dom’, a ‘redação’ e o ‘abandono’ do tradutor, isto para explorar o *Aufgeben* Benjaminiano em todas as suas nuances semânticas”.

³⁸ BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor*, p. 116.

³⁹ BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*, p. 187.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 191. Tradução levemente modificada. Barrento traduz assim: “O seu olhar [dos escritores alegóricos] é o de uma natureza como eterna caducidade, na qual apenas o olhar saturnino daquela geração reconheceu os sinais da história”. No texto em alemão lemos: “*Natur schwebt ihnen vor als ewige Vergängnis, in der allein der saturnische Blick jener Generationen die Geschichte erkannte*”.

⁴¹ BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Trad. Irene Aron. Belo Horizonte: UFMG, 2018, p. 765 [N2, 6]. Lembremos as frases finais da IV Tese Sobre o Conceito de História, na tradução de Sérgio Paulo Rouanet: “Assim como as flores dirigem a sua corola para o Sol, o passado, graças a um misterioso heliotropismo, tenta dirigir-se para o Sol que se levanta no céu da história. O materialismo histórico deve ficar atento a essa transformação, a mais imperceptível de todas”. (BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história” in *Obras escolhidas I*, Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 224.)

Benjamin a respeito da legibilidade dos resíduos da história. Jeanne Marie Gagnebin⁴² e Susan Buck-Morss⁴³, em momentos decisivos nos quais seus trabalhos tocam essa questão, demonstraram que uma das faces da legibilidade e da radicalidade da crítica ao conceito “neo-ontológico” de “historicidade” pode ser encontrada junto à ideia de “história natural”, cujo modelo epistemológico dialético e materialista envolve-se de forma constelacional, no pensamento de Walter Benjamin, com a *Ursprung*, com a alegoria, com os rastros, as ruínas e a dissecação dos fenômenos dados, com as formas de coleta dos objetos históricos apresentados desde uma sua singularidade, unicidade e excentricidade testemunhando que os vínculos e os vincos justapostos entre natureza, história e linguagem não se resolvem abstratamente submetidos aos imperativos de um encadeamento lógico ex-tabelecido, ao mesmo tempo sempre aí; e que a história não garante ontologicamente a identidade entre razão e realidade, nem forma ela mesma uma unidade total com determinados princípios filosóficos primeiros a bem dizer ahistóricos. A ideia de história natural, em sua lógica de desconstrução imanente pressupondo a ambivalência de cada um dos polos conceituais que se formam em sua constituição dialética e imagem multidimensional, procura elaborar, assim, a desmitificação da ideologia da justificação da ordem social dada, insistindo na concretude extrema do seu material de análise, o sofrimento e as formas de dominação, e em favor de um método imanente de leitura do agora enquanto um salto reflexivo do passado, cesura da história e abertura do futuro à não-identidade, encontrando na concretude para a qual as suas inquietações convergem, no ponto mais profundo, o depercimento, a transitoriedade da realidade material, cujos antagonismos e contradições foram e tendem a ser ainda hoje encobertos pelos ideais de harmonização histórica que em suas manias de totalidade usam a natureza simbolicamente para representações ahistóricas desse mesmo ideal, que é o ideal do sempre idêntico a si mesmo. Por isso, Theodor Adorno, já em 1932, ao levar radicalmente a sério a filosofia de Walter Benjamin, conduzindo-o para dentro do âmbito acadêmico institucional estabelecido, escreveu, a respeito das consequências do pensamento benjaminiano, que “história natural não é uma síntese entre métodos naturais e históricos, mas sim um câmbio de perspectiva”⁴⁴ [*Perspektivenänderung*]. Esse câmbio de perspectiva trata de arruinar a segurança e os arranjos ontológicos e neo-ontológicos. Para Susan Buck-Morss, a esse respeito, “Benjamin leu a história dentro dos fenômenos individuais, trazendo-os ‘de volta à vida’, no sentido de que seu processo cognitivo libertou [desbloqueou, *released*] seu significado concreto e vivo”⁴⁵. Ainda segundo Theodor Adorno, a crítica filosófica e estética que Walter Benjamin levou a cabo a respeito do problema da história natural trouxe à tona de forma incisiva a legibilidade das ambivalências e das contradições da retroafirmação do ser aí conduzido à naturalização de uma existência mítica – que se envolve com as diferenças entre primeira e segunda naturezas e as concepções de Hegel, Marx e Lukács sobre

⁴² GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Origem, original, tradução* p. 9-14.

⁴³ BUCK-MORSS, Susan. *The origin of negative dialectics*. New York: Free Press, p. 43-62.

⁴⁴ ADORNO, Theodor. “Die Idee der Naturgeschichte”, in *Gesammelte Schriften Bd. 1*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1990, p. 356.

⁴⁵ BUCK-MORSS, Susan. *The origin of negative dialectics*. New York: Free Press, p. 56.

isso – pois, “Benjamin buscou, fez vir [*geholt*] a ressurreição da segunda natureza da distância infinita à infinita proximidade, tornando-a objeto da interpretação filosófica”⁴⁶, quer dizer, trouxe à infinita proximidade a relação entre natureza e história. Nesse sentido, tonou-se o tema alegórico barroco, no ponto radicalmente crítico de sua legibilidade, às vezes traduzibilidade, decisivamente histórico-natural. Pois, conforme afirmou Walter Benjamin, “a expressão alegórica ela mesma adveio ao mundo num emaranhamento excêntrico de natureza e história”⁴⁷ – “o cerne das considerações alegóricas: as exposições mundanas e barrocas da história como história do sofrimento do mundo [*Leidensgeschichte de Welt*]”⁴⁸.

Essas instâncias de rupturas com o todo sufocador da pluralidade, da multiplicidade original, saltante, pervivente, vinculam-se às possibilidades inexauríveis de crítica filosófica e de criação literária, às práticas e aos gestos transgressores empreendidos nas transcrições poéticas, as quais conduziram este ensaio até aqui para oferecer um espaço-tempo de passagem para o outro lado do abismo do ser, no qual, a despeito do todo social hiperdeterminado, ainda se pode vislumbrar alegoricamente o infinitamente diferente trazido para mais próximo. E não aquilo que é porque é, destinado desde sempre a vir a ser. As transcrições são espécies de revelações no sentido benjaminiano, transrevelações, gosto de pensar; formas de lidar com a verdade, para as quais a tensão imanente à legibilidade e à cognoscibilidade já não se entrega mais à existência aberta ao ser, para justificar seus domínios de ser para si mesmo e para outrem a existência mesma que se apresenta. Nesse sentido, a linguagem não “transporta” a verdade, ou um nome para a língua pura que seja; mas “transforma” as coisas, os objetos, os estudos levando a matéria cadavérica que resta para dentro das palavras, conforme escreveu Susan Buck-Morss, “a linguagem expressa a ‘lógica da matéria’ em uma nova modalidade”⁴⁹. O que apresenta transrelações inapaziguáveis com a mimesis, conforme apontaram Haroldo de Campos e Susan Buck-Morss. Fora da construção do jogo ontológico fundamental, a transformação e a legibilidade histórico-naturalmente aproximadas “reencena a origem (...) como movimento incessante da ‘diferença’; faz com que a *mimesis* venha a ser a produção mesma da ‘diferença’”⁵⁰. Assim, lida a transcrição com a aparência e com a essência, dialeticamente sem solução. Mas “não encobre o original”, escreveu Walter Benjamin, “a tradução é transparente”⁵¹. A tradução

⁴⁶ ADORNO, Theodor. “Die Idee der Naturgeschichte”, in *Gesammelte Schriften Bd. 1*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1990, p. 357.

⁴⁷ BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*, p. 178. Tradução levemente modificada: Barrento escreveu assim: “A expressão alegórica nasceu de uma curiosa combinação de natureza e história”. Em alemão lemos: “*Mit einer sonderbaren Verschränkung von Natur und Geschichte tritt der allegorische Ausdruck selbst in die Welt*”.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 177. Tradução mais uma vez modificada sutilmente. Barrento escreveu: “Está aqui o cerne da contemplação de tipo alegórico, da exposição barroca e mundana da história como *via crucis* do mundo”. Em alemão lemos: “*Das ist der Kern der allegorischen Betrachtung, der barocken, weltlichen Exposition der Geschichte als Leidensgeschichte der Welt*”.

⁴⁹ BUCK-MORSS, Susan. *The origin of negative dialectics*. New York: Free Press, p. 87.

⁵⁰ CAMPOS, Haroldo. “A língua pura na teoria da tradução de Walter Benjamin” in *Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora*. Belo Horizonte: Viva voz (FALE/UFMG), 2011, p. 103.

⁵¹ BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor*, p. 115.

arruína o desvelamento da autenticidade coeterna às ideias, tornando-se visível nela o corpo débil da linguagem, a legibilidade da ruína, ou melhor, tornando-se ela corpo-ruína-de-linguagem. Diz respeito às diferenças irreduzíveis, inapaziguáveis, até, num certo sentido, intraduzíveis, e que concernem à tarefa da filosofia crítica que se indigna com o estado de coisas levado a cabo pela justificação da existência danificada. Susan Sontag, para finalizar, também lembrou que “tradução diz respeito a diferenças”, que em inglês o sentido mais antigo remete-se não exatamente à operações com a língua, mas a uma “mudança de condição ou de lugar”, na medida em que “o *trans* é um ‘através’ físico, ou uma travessia física, e propõe uma geografia de ação (...) onde estava x, não está mais”⁵². Retornando para Haroldo de Campos: “a filosofia e a tradução – poder-se-ia concluir – são produtos críticos da era da crise (da cisão, característica das épocas ‘analíticas’ ou ‘químicas’, para falar com Friedrich Schlegel)”⁵³. A passagem da metafísica à física da transcrição, o salto tigrino do pensamento de Walter Benjamin, facilitado pelos usos e gestos da ironia, leva à anti-ontologia, até aqui materialmente conduzida por entre caminhos tortuosos que a transitoriedade mostra-se capaz de trilhar, cavando o tempo histórico-natural. Uma tal passagem permite encontrar, permite ler ou escutar uma ideia de salvação, uma ideia de verdade, que se justifica tão somente fragilmente frente aos restos do todo social apodrecido, carcomido, diante do qual a tarefa tradução é uma transformação agora.

Referências

- ADORNO, Theodor. Die Idee der Naturgeschichte. In: ADORNO, Theodor. *Gesammelte Schriften Bd. 1*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1990.
- BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. In: BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem*. Trad. Susana Kampff Lages. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2011.
- BENJAMIN, Walter. Sobre alguns motivos na obra de Baudelaire. In: BENJAMIN, Walter. *Baudelaire e a Modernidade*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I*, Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *Origem do drama trágico alemão*. Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Trad. Irene Aron. Belo Horizonte: UFMG, 2018.
- BUCK-MORSS, Susan. *The origin of negative dialectics*. New York: Free Press, 1977.
- CAMPOS, Haroldo. A língua pura na teoria da tradução de Walter Benjamin. *Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora*. Belo Horizonte: Viva voz (FALE/UFMG), 2011.

⁵² SONTAG, Susan. “Sobre ser traduzida”, in *Questão de ênfase: ensaios*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Cia das Letras, 2005, p. 432-33.

⁵³ CAMPOS, Haroldo. “Para além do princípio da saudade: a teoria benjaminiana da tradução”, in *Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora*. Belo Horizonte: Viva voz (FALE/UFMG), 2011, p. 64.

CAMPOS, Haroldo de. Da tradução como criação e como crítica. In: *Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora*. Belo Horizonte: Viva voz (FALE/UFMG), 2011.

CAMPOS, Haroldo de. O que é mais importante: a escrita ou o escrito? in *Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora*. Belo Horizonte: Viva voz (FALE/UFMG), 2011.

CAMPOS, Haroldo. Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora, in *Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora*. Belo Horizonte: Viva voz (FALE/UFMG), 2011.

CAMPOS, Haroldo. Para além do princípio da saudade: a teoria benjaminiana da tradução, in *Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora*. Belo Horizonte: Viva voz (FALE/UFMG), 2011.

CAMPOS, Haroldo. Transluciferação Mefistofáustica. In: *Deus e o Diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. História e cesura. In: *História e narração em Walter Benjamin*, São Paulo: Perspectiva, 2007.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Origem, original, tradução. In: *História e narração em Walter Benjamin*, São Paulo: Perspectiva, 2007.

HEIDEGGER, Martin. O princípio da identidade. In: *Conferências e escritos filosóficos*. Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Trad. Idalina Azevedo e Manuel de Castro. São Paulo: Edições 70, 2010.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. 'Eu é um outro': a tradução como criação do próprio e encontro festivo. In: *Santa Barbara Portuguese Studies*, v. 3 (Digital online version), 2019.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Filosofia da tradução – tradução de filosofia: o princípio da intraduzibilidade. In: *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Ed. 34, 2005.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Haroldo de Campos: tradução como formação e 'abandono' da identidade. In: *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Ed. 34, 2005.

SONTAG, Susan. Sobre ser traduzida. In: *Questão de ênfase: ensaios*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

Recebido em: 01/06/2019

Aceito em: 02/07/2019